

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Outubro/2010 - Vol. V

LINGUAGEM E GÊNERO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DE RAPS PRODUZIDOS POR MULHERES

Clara Coelho MANGOLIN

Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva

RESUMO: Nesta pesquisa, dedicamo-nos à transcrição e análise comparativa de raps produzidos por homens e mulheres da periferia paulista, observando especificamente os níveis lexical e textual. Nosso objetivo foi verificar a hipótese de que as teorias clássicas sobre relações entre gênero e linguagem, que defendem um uso generalizado da norma padrão pela mulher, não se aplicariam às rappers, pois elas precisam “masculinizar” sua fala a fim de obter reconhecimento em seu meio artístico. As análises demonstraram que a maior ou menor proximidade da linguagem empregada pelas mulheres em relação àquela empregada pelos homens depende sobremaneira do posicionamento da rapper em seu próprio meio. Concluímos, portanto, que o gênero deve ser considerado em conjunto com outros fatores sócio-discursivos a fim de que seja possível lançar hipóteses mais precisas sobre as características da fala dos sujeitos.

Palavras-chave: Sociolinguística, Gênero, Rap, Léxico, Tópico Discursivo.

1. Introdução

1.1. Gênero e Linguagem

Os trabalhos canônicos¹ até hoje apresentados no campo da sociolinguística acerca da fala das mulheres enfocam principalmente a questão da diferença entre esta e a fala dos homens. Eles têm como característica principal o fato de apontarem para um alto grau de monitoramento estilístico por parte das mulheres, por meio do qual elas mantêm sua fala o mais próxima possível da norma-padrão²; todos estes estudos mostraram também que este monitoramento é bem menor na fala dos homens.

Duas das principais explicações para o suposto monitoramento por parte das mulheres são antagônicas: alguns lingüistas, dentre eles Labov (1972), defendem a posição de que ele seria um meio de compensar a distância social existente entre mulheres e homens:

¹Cf. Labov (1972), Lakoff (1975), Trudgill (1972), Sankoff et al. (1989), Deuchar (1988), Chambers (1995).

²O conceito de norma-padrão considerado nos estudos aqui apresentados é o mesmo presente em Faraco (2004). Segundo o autor, “norma-padrão” é o resultado de um processo de neutralização das variações linguísticas existentes na língua, ou seja, uma variedade unificada e não-estigmatizada.

utilizando-se da norma-padrão, elas teriam um meio de suprir o seu desprestígio social. Outros autores, porém, vêem este mesmo esforço feminino para fazer uso da norma-padrão como um reforço, consciente ou não, de sua posição de submissão social e de uma determinada imagem da mulher como delicada, recatada e educada. A lingüista americana Robin Lakoff (1975), por exemplo, defendeu que as mulheres que procuram deliberadamente fazer uso deste tipo de linguagem estão, na verdade, reafirmando seu *status* social subordinado, concordando com sua submissão.

Desta forma, vemos que, embora os trabalhos clássicos possam discordar sobre as motivações para o comportamento lingüístico das mulheres, eles apontam de modo geral para o fato de que elas encontram-se sempre buscando pela fala mais formal. Esta tradição de pensamento lingüístico que situa a mulher indistintamente como falante preocupada com o uso da norma padrão, está em consonância com uma visão de “mulher” enquanto categoria dura, estável e estagnada, presente em várias outras esferas de pensamento, como a filosofia, e mesmo no movimento feminista.

Existem, porém, trabalhos recentes que discutem esta postura homogeneizante, especialmente quando contextos específicos são levados em conta. Penélope Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003) realizam um estudo aprofundado sobre as relações entre gênero e fala, afirmando que tais relações são muito mais complexas e menos lineares do que se convencionou acreditar. Pesquisando por autores brasileiros que tematizassem esta questão, encontramos a seguinte postulação de Mollica e Braga (2003), que incorpora a visão mais recente de Eckert e McConnell-Ginet:

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação lingüística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes lingüísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala. A consistência do padrão que aponta o conservadorismo lingüístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos da organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social. (Mollica e Braga, 2003: 35).

Para exemplificar esta nova corrente de pensamento, que não caracteriza as mulheres genericamente como indivíduos que buscam apenas seguir a norma-padrão da língua, podemos citar um estudo do português brasileiro realizado por Bolívar (2008), sobre o uso do pronome “você” em Porto Alegre/RS. Nesse estudo há uma breve comparação entre o uso de “tu” e “você” por homens e mulheres em diferentes ambientes; note-se que a forma “você” é tomada como variante de maior prestígio em contextos formais de fala. Os dados por ele analisados mostram que tanto homens quanto mulheres tendem a empregar o “você” em ambientes mais formais, enquanto que em ambientes menos formais ambos empregam a variante “tu”. Esta parte do estudo demonstra, portanto, que a mulher não opta pela variedade de prestígio em qualquer situação de fala, bem como que a linguagem empregada por mulheres não é, necessariamente, muito distinta daquela empregada por homens.

1.2. A linguagem e o gênero no contexto do rap paulista

A discussão sobre gênero e linguagem conduzida até este ponto da pesquisa demonstrou que partir da definição de mulher enquanto indivíduo preocupado acima de tudo com a manutenção de “*niceness*”³ em suas interações poderia ser inadequado em alguns contextos ou dentro de grupos sociais específicos de mulheres. De fato, não seria incorreto supor que as mulheres, especialmente aquelas pertencentes a determinados grupos sociais - como o dos rappers -, poderiam dar preferência ao uso de uma linguagem não-padrão, uso que se encontra em divergência com relação ao estereótipo construído acerca delas.

Tal linha de pensamento pode ser expressa por meio da hipótese de que mulheres que procuram criar ou afirmar uma identidade específica poderiam fazer uso de variedades linguísticas diferenciadas, que fogem do que é habitualmente esperado de suas falas - ou seja, que fogem do estereótipo da mulher como falante polida - como ferramenta para a construção de tal identidade. Esta hipótese coaduna-se com a afirmação de Holmes, em seu ensaio “*Woman, language and identity*” (1997), sobre a importância do fator lingüístico para a construção da identidade do sujeito e, principalmente, das mulheres:

[...] women's identity is signalled not so much by the choice of particular linguistic variants which contrast with those preferred by men, but rather by the ways in which women are often required to use language to construct a much wider range of social identities and express a wider range of social roles than men. (Holmes, 1997: 199)

Apoiando-me, portanto, nas várias teorias que relativizam as relações entre gênero e linguagem, propus nesta pesquisa que as mulheres rappers, de forma a se inserirem na cultura hip hop como ícones sócio-culturais, provavelmente precisariam coadunar sua própria imagem com a imagem mais geral que se tem de um rapper, sob vários aspectos, dentre os quais a linguagem que empregam em suas composições.

Na base de tal proposta estavam também outros estudos sobre a realidade do hip-hop. Imani Perry afirma no livro *Prophets of the Hood* (2004) que, na era das “*sexys MC's*”, a mulher busca ao mesmo tempo parecer feminina e ocupar determinados espaços discursivos (em função da produção de seus raps) que são majoritariamente masculinos, atuando como o que ele chama de “*badman woman*”. Ao atuarem dessa forma, as rappers se utilizam de uma linguagem de violência, poder e subversão. No livro “*That's the joint! The Hip-Hop Studies Reader*”, no artigo “*I'll be Nina Simone defecating on your microphone: Hip-Hop and Gender*”, defende-se que a posição de privilégio dos homens no meio artístico do hip-hop explica, ao menos em parte, a marginalização das mulheres neste mesmo meio, especialmente daquelas que não se colocam em conformidade com as regras do hip-hop (Forman e Neal, 2004). No contexto do rap nacional, também há indicadores que apontam para uma busca das mulheres rappers de se aproximarem da imagem masculina de rapper já consagrada para, assim, se afirmarem e destacarem neste meio. Na dissertação de mestrado de Mariana Semião de Lima, “*Rap de Batom: Família, educação e gênero no universo rap*” (2005), é possível ver falas enfáticas da rapper Dina Dee sobre a necessidade de a mulher se “*masculinizar*” a fim de conseguir um espaço de destaque no meio artístico do rap.

³ Cf. Purvis (1987).

Assim, ao longo desta pesquisa investigamos a ocorrência do fenômeno de “masculinização” das rappers - apontado na dissertação de Lima no que se refere à aparência - em relação à linguagem, tal como Perry afirma que ocorre no rap estadunidense. Mais especificamente, construímos a hipótese de que as mulheres no campo do hip-hop, de forma a constituir uma identidade forte como rappers, iriam na direção de explorar, na produção de seus raps, os recursos da chamada linguagem popular, tal como o fazem os rappers.

Linguisticamente, minha hipótese pautou-se aqui em duas teorias: a Teoria da Regulação Lingüística, de Corbeil (2001), e a teoria do Design de Referência, de Bell (2001). Ambas apontam para um esforço do sujeito no sentido de aproximar sua fala de um grupo social que se admira ou do qual se quer fazer parte. Assim, ao invés da fala polida que normalmente seria esperada de um falante do gênero feminino, supus que as rappers provavelmente apresentariam um falar mais próximo da norma não-padrão, a norma empregada pelo grupo ao qual pretendem integrar-se - o dos homens rappers -, obedecendo ao que estipulam as teorias de Corbeil e de Bell.

2. Materiais e Métodos

2.1. Corpus e Transcrição

Para realizar esta pesquisa, foi utilizado um corpus constituído de transcrições de raps compostos por mulheres que participam ativamente do movimento hip-hop, em especial do cenário do rap nacional. Os sujeitos de nossa análise foram as rappers paulistas Dina Dee, falecida recentemente, e Negra Li, ambas de grande expressão no cenário do rap nacional. De cada uma destas rappers foram incluídas as transcrições de 10 raps. Para o desenvolvimento das análises comparativas, formaram parte de nosso corpus também 10 transcrições de raps do grupo Racionais MC's, representando da produção de linguagem dos homens. A transcrição dos raps para esta pesquisa seguiu o modelo desenvolvido por Bentes (2007) no interior de projetos enviados ao SAE, relacionados ao tema do emprego da linguagem dentro do movimento hip-hop.

2.2 Dispositivos Teórico-Analíticos

Esta pesquisa abrangeu dois níveis: lexical e textual. A justificativa para sua escolha reside no fato de que estudos recentes (Bentes, 2006, 2009) apontam para a grande mobilização de expressões gírias e expressões idiomáticas por parte dos rappers em suas músicas. Além disso, também há estudos que discutem a preferência dos rappers por determinados tópicos (Bentes e Rio, 2006). Analisar a manipulação dos recursos linguísticos nos dois níveis acima referidos representa uma valiosa contribuição, portanto, para os estudos comparativos entre a linguagem dos homens e das mulheres rappers. Aqui foram utilizadas as definições de gíria presentes em Dubois (2001) e Preti (1984), as definições de expressão idiomática presentes em Dubois (2001) e Xatara (1998) e as definições de tópico discursivo presentes em Jubran (2006) e Lins (2008).

A partir da leitura do livro “*A gíria e outros temas*”, de Preti (1984), foi possível delimitar a fronteira que separa a gíria comum da gíria de grupo, bem como os processos

pelos quais as gírias são construídas, dois pontos que provaram-se de grande interesse para a análise. Estas definições permitiram identificar com maior precisão os termos gírios na fala dos sujeitos, de acordo com os métodos de criação de gírias descritos por Preti, bem como determinar sua natureza enquanto signo de grupo ou não. Por outro lado, foi necessário considerar na análise dos dados o fator da popularização do vocabulário da periferia, graças à crescente inserção e aceitação do rap no cenário artístico e musical do Brasil. Assim, o fator de emprego exclusivo ou não de uma gíria por sujeitos das comunidades de periferia foi tomado como decisivo na distinção entre gírias de grupo e gíria comum, em momentos nos quais os fatores conhecimento ou compreensão não foram critérios satisfatoriamente incisivos.

No que se refere à descrição e análise do uso de expressões idiomáticas, foi considerado que seu uso, por estar relacionado à realidade vivenciada cotidianamente pelo falante, é bem distinto entre os diversos grupos sociais, postura que está em consonância com as considerações de Alvarez (2000) sobre a dinamicidade das EI's. Foi levantada, portanto, a hipótese de que a análise de raps levaria à observação de um emprego muito particular de expressões idiomáticas, considerando-se tanto sua natureza quanto a frequência de uso. Pudemos inferir que o contexto da periferia ofereceria as condições para a criação de expressões idiomáticas muito particulares e distintas daquelas que surgem em outros contextos sócio-culturais, as quais poderiam ser observadas na fala de suas representantes mulheres. Também inferimos a possibilidade do uso de expressões idiomáticas já existentes com uma carga semântica específica, diferente da original ou daquela mais comumente observada.

Sobre o tópico discursivo, também foi bastante relevante para os propósitos da pesquisa tomar como parâmetro inicial a afirmação de Coulthard (1991) sobre a preferência da mulher, em sua fala, pelos tópicos roupas, comida, casa, crianças e homens. Tomando esta citação como ponto de partida, pudemos investigar a incorrência de tópicos pelos quais diz-se que a mulher tem preferência de modo geral na linguagem de raps que são produzidos especificamente por elas, observando as variações que ocorrem na frequência e natureza de seu emprego dentro do corpus.

Outro dispositivo teórico de interesse a aplicado nesta pesquisa foi o fator de relevância, mencionado por Lins em seu artigo "*A progressão tópica nos quadrinhos de 'O Menino Maluquinho'*" (2008). Segundo ela, "tópico discursivo" é um conceito que pressupõe relevância do assunto dentro da mensagem ou, ao menos, em um ponto dela. Desta maneira, a relevância atribuída a determinado tópico ao longo de um rap também seria um fator interessante para sua descrição e análise em relação a outros tópicos presentes no mesmo rap; ou, sob outra perspectiva, em relação à relevância atribuída a este mesmo tópico em outros raps.

3. Resultados

A partir da análise das transcrições, aplicando os dispositivos previamente enunciados, foi possível notar os principais aspectos quantitativos e qualitativos dos raps compostos por cada um dos sujeitos estudados. A percepção de tais aspectos, por sua vez, permitiu que novas hipóteses fossem levantadas, o que gerou interessantes desdobramentos para a presente pesquisa na linha dos estudos sociolinguísticos voltados para o gênero.

Verificou-se, por exemplo, que os raps de autoria de Negra Li apresentam reduzida presença de vocábulos gírios ou expressões idiomáticas, de qualquer natureza. Além disso, dentre os sujeitos estudados, ela apresentou o menor uso de gírias de grupo; dentre estas, termos como “mina” e “responça” são aqueles encontrados mais frequentemente. Note-se que trata-se de gírias de grupo que, embora não sejam frequentemente utilizadas fora do contexto social da periferia, ainda são plenamente compreensíveis a sujeitos que não pertencem a este contexto. Nos raps de Dina Di, por outro lado, a presença de gírias e mesmo vocabulário obsceno é muito mais forte, aproximando-se daquela observada nos raps dos Racionais MC’s. A presença de gírias de grupo também é mais notável e, em seu caso, elas por vezes são incompreensíveis para sujeitos que não pertencem ao contexto social da periferia. É necessário destacar que, tanto nos raps de Dina Dee quanto nos raps de Negra Li, o emprego de gírias de grupo é quantitativamente superior ao emprego de gírias comuns.

Cabe dizer que foi possível verificar, ao longo das análises, a ocorrência dos dois principais mecanismos de construção do vocabulário gírio descritos por Preti (1984), e que também são processos apontados por Montgomery (1995) na formação do que ele chama de “antilinguagem”.

Em termos gírios como “belê” e “princê”, por exemplo, percebemos a construção da gíria a partir da deformação do significante de um vocábulo pré-existente, sem alteração no seu significado. Por outro lado, em termos gírios como “vacilar”, temos a alteração, ampliação ou distorção do significado de um vocábulo pré-existente - neste caso, de “hesitar” para “cometer um erro”.

Quanto às expressões idiomáticas, vemos que há uma importante ocorrência de EI’s características deste grupo social, que não poderiam ser aplicadas naturalmente em circunstâncias externas à sua realidade. Estas EI’s estão presentes tanto nas composições de Negra Li quanto nas de Dina Dee, sendo mais frequentes nesta última. Nos raps de ambas, a presença de EI’s, embora quantitativamente inferior à de gírias, é constante. Novamente, porém, o uso de EI’s de grupo - como chamei àquelas utilizadas mais estritamente por um grupo social - por Dina Dee aproxima-se mais do uso apresentado pelos Racionais MC’s, tanto em frequência quanto em natureza.

Por outro lado, nota-se também que as EI’s de grupo são menos frequentes nos raps do que EI’s comuns, ou seja, aquelas empregadas em todos os grupos sociais. Esta relação é inversa à que verificamos nas gírias, em que todos os sujeitos estudados empregam gírias de grupo com maior frequência do que gírias comuns. Caberia então determinar os fatores que influenciam o menor desenvolvimento de EI’s próprias, em contraste com o grande desenvolvimento de vocabulário gírio de grupo, que os rappers apresentam.

Por fim, ainda dentro do âmbito lexical, cabe ressaltar a problemática do emprego de termos gírios e EI’s de grupo, os quais, além de não serem utilizadas por indivíduos pertencentes a outros grupos sociais, também não são compreensíveis a estes sujeitos. Estas ocorrências concentraram-se nos raps de Dina Dee - como já mencionado anteriormente - e, em maior escala, dos Racionais MC’s. A incompreensão de seu sentido acarreta em uma dificuldade em sua classificação, levando em alguns casos a impasses na análise dos dados. Desta forma, provou-se necessário que haja um contato mais aprofundado com a cultura e a linguagem da população da periferia, de modo geral, para que seus usos linguísticos possam ser compreendidos inequivocamente. Neste sentido, é aconselhável um estudo de cunho etnográfico.

Também é possível traçar um panorama do que pode ser constatado com relação ao tópico discursivo presente na produção de cada sujeito. Negra Li apresenta muitas vezes em seus raps temáticas genéricas, como a exortação de valores humanos, típicas da música popular. Encontramos também uma reafirmação de sua posição como membro da comunidade hip-hop, relembrando suas origens e o caminho que traçou, dentro de raps metapoéticos, em que o próprio rap figura como tópico. Possivelmente esta seja uma tentativa de manter o laço entre sua música atual e o gênero dentro do qual iniciou a carreira.

Dina Di, por sua vez, apresenta uma forte preocupação com a figura da mulher na periferia, abordando-a sob uma perspectiva conciliadora, ou seja, que trabalha tanto seus méritos quanto seus defeitos. Fala das dificuldades enfrentadas na vida na periferia, trata a mulher enquanto mãe e companheira - nestes momentos adotando uma certa postura moralista - e discute temas que vão de relacionamentos com criminosos e presidiários à própria questão da criminalidade, retratada através da vida nas penitenciárias femininas.

Por fim, os Racionais MC's apresentam em seus raps principalmente uma denúncia social acerca da realidade da periferia. As mulheres são pouco abordadas em suas músicas e, quando tal tema surge, elas são vistas sob duas perspectivas principais: uma negativa, que a retrata como interesseira e vulgar; a outra, indiferente, que a vê como um acessório ou objeto da paisagem, meramente mencionando sua presença.

Uma temática comum aos três sujeitos analisados, porém, é a religiosidade. Todos eles apresentam raps nos quais a fé é o super-tópico abordado, bem como raps no qual ela aparece como um sub-tópico, em geral ressaltando sua importância para a manutenção do caráter do indivíduo que vive na periferia. Assim, vemos que o ponto de vista dos rappers acerca de determinado tópico não é necessariamente divergente. Podemos, portanto, levantar a hipótese de que os rappers homens e mulheres sustentam pontos de vista divergentes principalmente quando o tópico abordado em seus raps está mais estreitamente relacionado à imagem que se tem de um gênero, seja “homem” ou “mulher”.

Estabelecendo uma relação entre o que foi visto quanto ao léxico e ao nível textual, também podemos lançar a hipótese de que o emprego de gírias esteja relacionado ao super-tópico do rap. Tal hipótese baseia-se na observação de que a variação na quantidade de termos gírios presente em cada rap foi significativa, havendo mesmo casos em que nenhuma gíria era empregada. Na base desta variação estaria, portanto, o tópico abordado nos raps, que pode dar maior abertura para o uso de gírias e EI's em alguns casos do que em outros.

Com base no que foi visto ao longo das análises, é possível propor que os usos de léxico e tópico entre os rappers são categorias influenciadas não apenas pelo fator “gênero”, mas também pela inserção do rapper em seu meio e pela identidade que este pretende afirmar. Uma vez que Negra Li encontra-se no centro de um circuito cultural mais amplo, voltado para um público mais abrangente, seus raps têm presença predominante de gírias comuns, que sejam do entendimento e do uso do grande público, bem como de tópicos mais abrangentes ou mais genéricos. Dina Di, por outro lado, que mantém os membros da periferia como público-alvo principal, ou mesmo exclusivo, de sua produção artística, utiliza-se de gírias de grupo mais restritas e trata de tópicos ligados diretamente ao âmbito da vida cotidiana neste contexto social.

4. Conclusões

Nesta pesquisa, foram analisadas comparativamente transcrições de raps produzidos por homens e por mulheres, considerando os níveis lexical (gírias e expressões idiomáticas) e textual (tópico discursivo). Assim, foi possível observar que Dina Dee - rapper mais ligada às raízes do gênero e à vida na periferia - apresenta largo uso de gírias e mesmo termos obscenos em seus raps, bem como de tópicos mais estritamente ligados à realidade de seu grupo social e, especificamente, das mulheres; estas características aproximam seus raps daqueles produzidos pelo grupo Racionais MC's, formado apenas por homens. A rapper Negra Li, por outro lado, apresenta em suas composições um uso restrito de gírias - das quais poucas podem ser consideradas gírias de grupo - e seus tópicos principais referem-se a relacionamentos e, metalinguisticamente, a sua própria condição de rapper. Tais diferenças em seus usos linguísticos quando comparados aos de Dina Dee podem ser atribuídas a sua maior participação no cenário musical nacional, o que exige de Negra Li usos mais polidos na elaboração de suas letras.

Os dados obtidos permitiram, portanto, a reafirmação da teoria de que uma série de fatores influenciam os usos linguísticos do falante, sendo o gênero apenas um deles, teoria esta defendida por Eckert e McConnel-Ginnet (2003). Nesta pesquisa, especificamente, a inserção da rapper em seu meio artístico - ou, em outras palavras, seu posicionamento ativo como artista da periferia ou não - apresentou-se como fator importante para a determinação de seus usos textuais e lexicais. Desta maneira, Dina Dee, que mantém laços mais estreitos com a imagem de uma rapper e de membro da periferia, claramente apresenta uma linguagem mais próxima da não-padrão, aproximando-se do que é visto na linguagem de rappers homens - embora, cabe ressaltar, em menor escala. Por outro lado, Negra Li, que afasta-se da imagem de rapper para centrar-se em um âmbito musical mais genérico, apresenta linguagem mais próxima do padrão e, portanto, mais neutra e aceitável por sujeitos de vários grupos sociais.

Por fim, destaco que, mais importante do que o nível de masculinização e nãoopadronização da linguagem de cada rapper estudada nesta pesquisa, a constatação principal deste estudo foi a atitude real de masculinização e não-padronização da fala por parte da mulher, que contradiz os estudos clássicos citados na introdução teórica e demonstra empiricamente a necessidade de novos estudos, mais atentos à convergência de variáveis sociais na formação dos usos linguísticos de um grupo.

5. Apoio

Esta pesquisa foi financiada pela linha de fomento PIBIC/SAE -UNICAMP, no período de Julho de 2009 a Agosto de 2010.

Bibliografia do Projeto

ALVAREZ, M. L. O. (2000) *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba : Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- BELL, A. (2001) *Back in style: reworking audience design*. In: ECKERT, P. E RICKFORD, J. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.
- BENTES, A. C. (2009) “É nós na fita”: a formação de um registro e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista. Projeto de pesquisa a ser submetido à Fundação de Amparo à Pesquisa da UNICAMP em abril de 2009.
- _____, A. C. (2007) *Linguagem como prática social: a elaboração de estilos por rappers paulistas*. Projeto de Apoio à Docência desenvolvido com o apoio do Serviço de Assistência ao Estudante (SAE) da Universidade Estadual de Campinas.
- _____, A. C. (2006) Relatório final de Pós-Doutorado do projeto *Linguagem como prática social: a elaboração de estilos de fala por parte de jovens rappers paulistas*. Fapesp. Processo No. 2005/03186-1. pp. 1-73.
- BENTES, A. C., RIO, V. C. (2006) “Razão e rima”: reflexões em torno da organização tópica de um rap paulista. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v.48, pp. 115 - 124.
- BOLIVAR, T. V. M. (2008) *A forma “você” em interações comerciais em Porto Alegre-RS*. Dissertação de Mestrado defendida no IEL – UNICAMP, Campinas, SP. (Orientador: Anna Christina Bentes da Silva)
- CHAMBERS, J. K. (1995) *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell.
- CORBEIL, J. C. (2001) *Elementos de uma teoria de regulação lingüística*. In: BAGNO, M. *Norma Lingüística*. São Paulo: Edições Loyola.
- COULTHARD, M. (1991). *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- DEUCHAR, M. (1988) A pragmatic account of women’s use of standard speech. In: COATES, J. e CAMERON, D. (eds) *Women in their speech communities: New perspectives in language and sex*. London and New York: Longman.
- DUBOIS, J. (2001) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix.
- ECKERT, P; MCCONNELL-GINET, S. (2003) *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FARACO, C. A. (2004) *Norma Padrão brasileira: Desembaraçando alguns nós*. In: BAGNO, M. (org) *Lingüística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- FORMAN, M., NEAL, M. A. (2004) *THAT’S the joint!: the hip-hop studies reader*. New York: Routledge.
- HOLMES, J. (1997) *Women, language and identity*. *Journal of Sociolinguistics* 1/2, p. 195-223.
- JUBRAN, C. (2006) Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 48 (1), p. 33-41.
- LABOV, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- LAKOFF, R. (1975) *Language and Woman’s Place*. New York.
- LIMA, M. S. (2005). *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. Campinas/SP, Faculdade de Educação – UNICAMP, 2005.
- LINS, M. P. P. (2008) *O tópico discursivo em textos de quadrinhos*. Vitória: Edufes.
- _____, M. P. P. (2008b) *A progressão tópica nos quadrinhos de “O Menino Maluquinho”*. *Cadernos do CNLF*, vol. XI, nº 14, p. 27-41.

- MOLLIKA, M. C., BRAGA, M. L. (2003) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto.
- MONTGOMERY, M. (1995) *An introduction to language and society*. New York: Routledge.
- PERRY, I. (2004) *Prophets of the hood: politics and poetics in Hip Hop*. Duke University Press.
- PRETI, D. (1984) *A giria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP.
- SANKOFF, D. et al. (1989) Montreal French: language, class and ideology. In: FASOLD, R. e SCHIFFRIN, D. (eds) *Language change and variation*. Amsterdam: John Benjamins.
- TRUDGILL, P. (1972) Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. In: *Language and Society* 1, p.179-195.
- XATARA C. M. (1998) *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.